UFRR
edição on-line
TEXTOS & DEBATES
Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira (PPGSOF) e do Centro de Ciências Humanas (CCH) da Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Reivindicar direitos no *Instagram*: mães brasileiras em Portugal e denúncias em defesa de seus filhos (2020-2022)

Claiming Rights on Instagram: Brazilian Mothers in Portugal and Complaints in Defense of Their Children (2020–2022)

Laís Martendal
https://orcid.org/0000-0002-9255-809X
Mestra e doutoranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH-UDESC), contemplada por bolsa CAPES;
Lattes: http://lattes.cnpq.br/5587214105707934
E-mail: lah.martendal@gmail.com

Resumo

Este artigo trata de relatos de mulheres brasileiras em Portugal, que denunciaram através da página de *Instagram* "Brasileiras não se calam!" casos de discriminação contra seus filhos, acontecidos sobretudo no ambiente escolar português. A partir da análise de conteúdo de 29 depoimentos entre 2020 e 2022, nota-se que as vivências de crianças brasileiras no país lusitano são perpassadas por xenofobia - cuja marca é, em alguma medida, a colonialidade. Através destas denúncias, é possível perceber desafios no cotidiano das famílias brasileiras migrantes em Portugal e, mais do que isso, observa-se como as mulheres brasileiras - muitas vezes, mães - se mobilizam através desta rede social, de forma a exercerem um ativismo no contexto de migração. Assim, a maternidade - ou o papel de cuidado com as crianças -, é entendido como força de mobilização coletiva dentro um movimento mais amplo de reivindicação de migrantes, que é o caso da "Brasileiras não se calam!".

Palavras-chave
Brasileiras. Migração. Crianças brasileiras. *Instagram*.

Claiming Rights on Instagram: Brazilian Mothers in Portugal and Complaints in Defense of Their Children (2020–2022)

Abstract

This article examines reports from Brazilian women in Portugal who, through the Instagram page "Brasileiras não se calam!" ("Brazilian Women Won't Be Silenced"), have denounced cases of discrimination against their children, occurring primarily in Portuguese schools. Based on a content analysis of 29 reports from 2020 to 2022, it is evident that the experiences of Brazilian children in Portugal are permeated by xenophobia - a phenomenon marked, to some extent, by coloniality. Through these reports, it is possible to perceive the challenges in the daily lives of Brazilian migrant families in Portugal and, more than that, to observe how Brazilian women - generally mothers - mobilize through this social media to engage in activism within the context of migration. Thus, motherhood - or the role of caring for children - is understood as a force for collective mobilization within a broader movement of migrant claims, as exemplified by the "Brasileiras não se calam!" ("Brazilian Women Won't Be Silenced!") mobilization.

Keywords
Brazilian women. Migration. Brazilian children. Instagram.



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

1. *Introdução*

A migração de brasileiros para Portugal é um fenômeno de deslocamento amplamente conhecido e, certamente, o foco de diversificadas pesquisas, como as de Malheiros (2007), Padilla e Ortiz (2012), França e Padilla (2021) e Fernandes et al (2021), para mencionar apenas algumas delas.

Acerca da magnitude dos brasileiros no país lusitano, a população de Portugal era estimada em 10 milhões de pessoas no Censo de 2021 (Instituto Nacional de Estatística, 2021). Por outro lado, o número foi de 550 mil estrangeiros como residentes em Portugal a partir dos mesmos dados (Instituto Nacional de Estatística, 2021). Embora não haja a especificidade da nacionalidade, é possível perceber uma quantidade relevante de migrantes no país.

Sabe-se que os brasileiros figuram como o maior grupo de migrantes que vivem em Portugal, pelo menos desde 2006 (França e Padilla, 2021). E, sobre a importância deste grupo, observa-se que Portugal é a nação que abriga a segunda maior comunidade brasileira no exterior, com 513 mil brasileiros (Ministério das Relações Exteriores, 2023). Para além disso, deve-se considerar que existem as pessoas que já possuem nacionalidade portuguesa e, por vezes, não são contabilizadas nestas estatísticas.

De toda forma, é notória a presença dos brasileiros e brasileiras em Portugal, com um deslocamento que segue no prisma das mobilidades contemporâneas, sendo que França e Padilla (2021) afirmam a importância das mulheres neste trânsito Brasil-Portugal, que cresceu de forma significativa a partir do início do século XXI.

Neste artigo, o intuito é se debruçar acerca de relatos de mulheres brasileiras - sobretudo mães - que vivem em Portugal e, através do *Instagram* "Brasileiras não se calam!", fizeram denúncias anônimas sobre experiências de discriminação vivenciadas por seus filhos no país.

De antemão, adianta-se que a mencionada página nasceu em 2020, por iniciativa de uma imigrante brasileira, e é constituída, entre outras coisas, por inúmeras denúncias anônimas de brasileiras no exterior. Entre elas, figuram diferentes tipos de reivindicação. E, para este trabalho, optou-se por se debruçar acerca das que envolvem crianças brasileiras em

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8954, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Portugal, haja vista a quantidade de casos de xenofobia contra estas populações infantojuvenis que têm repercutido nos últimos anos[1]. Assim, a partir da análise de conteúdo fundamentada em Bardin (2016), trabalhou-se com o escopo de 29 relatos, articulando considerações gerais sobre a amostra à análise de 4 depoimentos específicos, os quais ilustram os aspectos mais proeminentes mapeados na investigação.

A centralidade do trabalho envolve o seguinte questionamento: de que forma as denúncias de mulheres brasileiras em Portugal, majoritariamente mães, sobre casos de discriminação contra crianças brasileiras, em geral seus filhos, permitem que se visualize a potência política e o ativismo em seus relatos na página "Brasileiras não se calam!"?

O trabalho busca, por um lado, refletir sobre os casos de discriminação contra crianças brasileiras, no sentido de observar, a partir da narrativa destas mulheres, as vivências de crianças em Portugal, perpassadas pela xenofobia em seus diferentes aspectos. Por outro lado, o foco é dimensionar o ativismo a partir do uso das redes sociais feito por estas migrantes.

A noção de ativismo vai ao encontro do que propõe Cogo (2017), ao indicar que ele tem se constituído "[...] a partir dos usos crescentes que fazem os migrantes das TICs [Tecnologias da Comunicação e Informação], possibilitando a criação e fortalecimento de redes sociocomunicativas" (Cogo, 2017, p. 188), cuja característica é uma apropriação da tecnologia por parte de migrantes, no objetivo de construir mobilizações em prol de suas demandas. Ademais, entende-se que a maternidade comumente é precursora de ativismos de

[1] Algumas notícias de casos de crianças brasileiras nas escolas portuguesas nos últimos anos:
Brasileiros decidem voltar após maus-tratos a filhos em escolas de Portugal. Disponível em: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/11/01/os-castigos-e-maus-tratos-a-brasileiros-nas-escolas-de-portugal.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 11 mar. 2026.
Além desta, outros canais de comunicação também trouxeram o assunto à tona, a exemplo do R7, que, neste caso, também transmitiu uma reportagem na Rede Record. Notícia em questão: Crianças brasileiras são vítimas de violência motivada por xenofobia em Portugal. Disponível em: https://record.r7.com/domingo-espetacular/videos/criancas-brasileiras-sao-vitimas-de-violencia-motivada-por-xenofobia-em-portugal-03122023/. Acesso em: 12 mar. 2026.
Na Folha de S. Paulo, circulou: Agressão à menina brasileira de 11 anos na escola em Portugal reabre debate sobre xenofobia. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/agressao-a-menina-brasileira-de-11-anos-na-escola-em-portugal-reabre-debate-sobre-xenofobia.shtml. Acesso em: 18 mar. 2026.
Mais recentemente, no final de 2025, um caso teve grande repercussão, em que um menino brasileiro, José, de apenas 9 anos, teve dedos amputados por colegas da escola. Notícia em questão: Menino brasileiro tem dedos amputados após agressão em escola de Portugal. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/menino-brasileiro-tem-dedos-amputados-apos-agressao-em-escola-de-portugal/. Acesso em: 23 mar. 2026.

DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448
Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

mulheres nas redes sociais, já que existe a possibilidade de construir vínculos de suporte mútuo e, ainda, de engajar as pautas que envolvem o cuidado materno (Souza, 2019).

Em termos de estrutura, a divisão do artigo inclui, num primeiro momento, apresentar aspectos do percurso da migração brasileira para Portugal, demonstrando também suas características, a partir de bibliografias que investigaram este deslocamento; em seguida, o foco é trazer a página de *Instagram* "Brasileiras não se calam!", explicitar os procedimentos da análise de conteúdo realizada e, junto disso, tecer apontamentos sobre os casos de discriminação vivenciados por crianças brasileiras, de forma a dialogar com discussões referentes à xenofobia e à colonialidade. Por fim, reforça-se a argumentação deste trabalho, de modo a reiterar que as denúncias destas mulheres, sobretudo mães, conformam um ativismo político a partir desta rede social. Deste modo, a maternidade e, sobretudo, o pertencimento mútuo com outras migrantes encontrados na "Brasileiras não se calam!" propiciam possibilidades de reivindicação coletiva de direitos e demonstração de descontentamento diante das vivências de seus filhos.

2. *Migração brasileira rumo a Portugal*

A migração brasileira para Portugal constitui um objeto de análise interdisciplinar consolidado. Malheiros (2007), ao reunir pesquisas importantes sobre o tema, estabeleceu contribuições fundamentais para a compreensão desse itinerário, que deve ser inserido no contexto das migrações internacionais contemporâneas. Embora a emigração de brasileiros ocorra desde a década de 1970, sua consolidação e a diversificação de seus destinos acentuam-se a partir dos anos 1990, em função da maior circulação global de pessoas (Assis, 2018).

Esse cenário foi catalisado pela redução dos custos de transporte aéreo, o que viabilizou o deslocamento de estratos das classes médias baixas para diversas nações mundo afora (Assis, 2018). Nesse panorama, Estados Unidos e Portugal, que já ocupavam papel importante no direcionamento de brasileiros, mantêm-se como os principais países de destino, abrigando as maiores comunidades brasileiras no exterior (Ministério das Relações Exteriores, 2023).

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8954, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Os estudos sobre o deslocamento Brasil-Portugal constroem sua periodização, majoritariamente, a partir do conceito de "vagas" ou ciclos, que delimitam características socioeconômicas distintas. Malheiros (2007), corroborado por pesquisas como a de Santos (2010), apresentam uma divisão em duas fases principais: a primeira, datada de meados de 1980 a fins de 1990, caracterizou-se por um contingente reduzido de profissionais qualificados e descendentes de portugueses; já a segunda, situada no período pós-1998, é marcada pela predominância de brasileiros das classes médias baixas, inseridos em setores como construção civil, serviços e comércio. Este segundo momento registrou um crescimento demográfico exponencial, com forte concentração na região metropolitana de Lisboa.

Perspectivas posteriores, como as de França e Padilla (2018), expandem essa periodização ao incluir o cenário pós-2016. As autoras identificam um terceiro marco, impulsionado pela crise política e econômica no Brasil, que resultou em uma migração expressiva voltada à mobilidade estudantil e a uma maior heterogeneidade de perfis sociais. Recentemente, Fernandes et al. (2021) propuseram a existência de uma quarta vaga. Embora mantenham os perfis já mapeados pela literatura, os autores estabelecem uma distinção cronológica mais fragmentada, situando a terceira vaga em meados de 2010 e a quarta a partir de 2015 - esta última interrompida abruptamente pela pandemia de COVID-19 em 2020 (Fernandes et al., 2021).

Em suma, as diferentes propostas de periodização convergem ao evidenciar o amadurecimento e a complexificação desse itinerário migratório. Assim, percebem-se consensos os quais reforçam, por exemplo, o crescimento deste itinerário no final do século XX e os perfis de migrantes brasileiros em questão - diversificados em termos de classe com o passar dos anos.

Atualmente, Portugal permanece como o principal destino dos brasileiros na Europa (Ministério das Relações Exteriores, 2023). Neste sentido, Brum (2024) indica que é possível vislumbrar um novo momento dentro da migração brasileira para Portugal. Como característica deste direcionamento mais recente, Brum (2024) afirma que há grande diversidade nos perfis, o que inclui estudantes, investidores e aposentados, por um lado; mas, por outro, imigrantes de baixa renda - como aqueles de vagas anteriores, trabalhadores mais precarizados.

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8954, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Conforme Brum (2024, p. 104), "atualmente, dos 781.915 imigrantes que vivem em Portugal, 30,7% são brasileiros (valor mais elevado desde 2012)", o que é corroborado pelo Ministério das Relações Exteriores, segundo as análises do autor. Dessa forma, o quantitativo em questão ressalta a magnitude e a permanência da mobilidade dos brasileiros no país lusitano.

No que tange à dimensão de gênero, França e Padilla (2021) observam que, a partir de 2004, o contingente de mulheres brasileiras em Portugal superou o de homens. Ao analisarem os indicadores de 2015, as autoras demonstraram que as mulheres representavam 57% da população brasileira residente no país, evidenciando uma tendência consolidada de crescimento desse grupo (França e Padilla, 2021). Tal fenômeno insere-se no processo amplamente discutido: a feminização das migrações (Marinucci, 2007), caracterizada não apenas pelo aumento numérico, mas pela centralidade das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos.

Nesse contexto, marcado pela expressiva presença feminina, emergiu, anos depois, em 2020 - sob o impacto da pandemia de COVID-19 - a página de *Instagram* "Brasileiras não se calam!". Elaborada por uma imigrante brasileira em Portugal, a plataforma estruturou-se na qualidade de um espaço de articulação e visibilidade para denúncias de discriminação e xenofobia. A emergência desse canal sugere um agravamento das tensões sociais ou, ao menos, uma mudança na postura dessas mulheres, que passaram a exteriorizar coletivamente a indignação frente a violências cotidianas no contexto de migração. Conforme será detalhado na seção seguinte, essa mobilização digital demonstra facetas cruciais de elementos que atravessam a experiência migratória brasileira em território português - neste caso, aquilo que perpassa sobretudo a vivência das crianças brasileiras nos últimos anos em Portugal.

3. "Brasileiras não se calam!": denúncias de mulheres brasileiras no Instagram e reivindicação pelos direitos de seus filhos

A página de *Instagram* "Brasileiras não se calam!", surgida no contexto da pandemia de COVID-19, constitui uma iniciativa dedicada a amparar as demandas de migrantes

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8954, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448
Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

brasileiras globalmente. Atualmente, o perfil conta com cerca de 51 mil seguidores (Brasileiras não se calam, 2026). Embora prevaleçam conteúdos relativos a Portugal - reflexo tanto da localização da administração da página quanto da predominância desse destino nos relatos recebidos -, a proposta abrange brasileiras residentes em diversos países. A Figura 1 ilustra o perfil em questão, evidenciando sua descrição biográfica e a organização dos conteúdos fixados.

Figura 1: A página "Brasileiras não se calam!"

[Inserir figura 1 aqui]

Fonte: Brasileiras não se calam (2026)

Na "Brasileiras não se calam!", circulam informações de naturezas distintas: projetos de sociabilidade entre migrantes, divulgação de cursos profissionalizantes, redes de apoio psicológico e recomendações de mídias especializadas. Todavia, destaca-se o volume de relatos compartilhados, objetivo central da página desde sua fundação em 2020: a difusão de denúncias anônimas de discriminação enfrentadas por brasileiras no exterior. Assim, a administração incentiva o envio de casos via mensagens diretas (*directs*), comprometendo-se com a não identificação das migrantes.

Conforme aponta Carvalho (2023), a ascensão da extrema direita no cenário político e institucional de Portugal tem crescido significativamente em pleitos recentes. Nesse panorama, as denúncias das migrantes inserem-se em uma conjuntura na qual a discriminação se torna um fenômeno que permeia o cotidiano. Assim, a plataforma atua como um espaço de fortalecimento e articulação coletiva para essas mulheres. Dentre esses registros, as narrativas de mães brasileiras sobre as experiências de seus filhos são os objetos de análise deste trabalho.

Para isso, foi feita uma análise de conteúdo seguindo os preceitos de Laurence Bardin (2016). Em geral, os relatos da página trazem diferentes tipos de reivindicações, ligadas a várias modalidades de discriminação que brasileiras no exterior enfrentam - isso inclui assédio sexual, denúncias sobre o ambiente e as relações de trabalho, além de outras experiências do

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8954, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

dia a dia marcadas por desrespeito e hostilidade relacionadas à nacionalidade. É preciso, portanto, indicar que o critério de seleção se pautou no objetivo deste trabalho, priorizando aqueles relatos que permitissem, a partir da narração de mães ou de outros familiares, compreender as vivências das crianças em Portugal.

Em consonância com os preceitos de Bardin (2016), o caminho metodológico incluiu a pré-análise, a exploração do material e, posteriormente, a análise propriamente dita. O recorte temporal do corpus documental se estende de 2020 a 2022; a escolha do marco inicial é explicada pela origem da página "Brasileiras não se calam!", e o encerramento do período delimitado se deve ao fato de que, após isso, a quantidade de postagens com depoimentos anônimos diminuiu bastante. Ou seja, é nesse período que se encontra uma quantidade maior de relatos que possibilitam uma análise das experiências de crianças brasileiras em Portugal.

Com o estabelecimento do recorte, foram identificados 29 relatos, sendo 24 deles realizados pelas mães e 5 por outros familiares, como tias e avós. Dentre eles, chama a atenção que 21 narraram casos que aconteceram em ambientes escolares de Portugal, o que indica a predominância da escola nos cenários de casos de xenofobia contra as crianças brasileiras.

Depois de uma leitura flutuante e crítica do material, foram definidos dez eixos temáticos em relação aos relatos: I - xenofobia institucional por adultos e autoridades; II - convivência com pares no contexto escolar; III - reflexos na saúde mental e na formação da identidade da criança; IV - xenofobia no espaço público (fora do ambiente escolar); V - hipersexualização e outros estereótipos de gênero; VI - estigmatização de classe; VII - racismo; VIII - preconceito linguístico; IX - violência física e assédio sexual; e X - xenofobia no âmbito familiar. Esses eixos frequentemente se cruzam nas histórias, e, em um relato, por vezes, é possível visualizar mais de uma categoria de análise.

De qualquer maneira, aqui se apresenta uma análise qualitativa baseada nos 29 relatos observados. Os eixos temáticos que apareceram com mais frequência foram a xenofobia institucional de adultos e autoridades, que teve 12 menções; as interações entre colegas no ambiente escolar, que teve 9; e o efeito da xenofobia na saúde mental/identidade da criança, que também teve 9 ocorrências. Por conseguinte, entende-se que, além de apresentar considerações gerais sobre a amostra, é importante destacar esses três aspectos que se mostraram mais proeminentes.

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8954, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Para isso, 4 dos 29 relatos foram escolhidos para serem transcritos na íntegra e analisados neste artigo. Não se busca, com a escolha, generalizar as vivências das crianças ou as denúncias mapeadas, mas possibilitar a visualização dos enfoques mais representativos. Simultaneamente, a escolha desses 4 relatos particulares visa a evidenciar a complexidade da realidade infantojuvenil em questão, já que variadas dimensões da xenofobia se fazem presentes e se entrelaçam nas denúncias veiculadas pela página "Brasileiras não se calam!".

Ao analisar as denúncias, observa-se que o "ciberativismo [...] possibilitou ao movimento feminista um novo espaço para as suas ações, potencializando as suas reivindicações" (Magalhães et al., 2018, p. 35). Por isso, é fundamental compreender o papel central das redes sociais, notadamente o *Instagram*, como vetores de mobilização social contemporânea. Em diálogo com Van Dijck (2016), o ecossistema *on-line* não é isolado, e sim "inserido em um contexto econômico, político e sociocultural mais amplo" (Van Dijck, 2016, p. 16, tradução minha).

Neste contexto, as mídias de comunicação e interação, como é o caso também do *Facebook* e do *Youtube* - investigados pela autora -, ocupam um papel significativo nas sociabilidades do mundo contemporâneo, onde estas formas de se conectar ganharam grande predominância nos dias de hoje. Essa característica se reflete nas possibilidades de ativismo, como traz Cogo (2017) no que diz respeito às migrantes e aos usos das tecnologias para viabilizar suas demandas por direitos, já que o *Instagram* permite acessar facetas da migração brasileira para Portugal através de uma "diversidade maior de vozes narrativas" (Silveira, 2018, p. 264), frequentemente ausentes em dados oficiais governamentais.

Por conseguinte, ainda que o número de relatos não seja significativo sob uma perspectiva quantitativa, compreende-se que estes depoimentos se integram a um contexto social mais amplo. Neste sentido, a página "Brasileiras não se calam!" expandiu-se rapidamente durante o período pandêmico, impulsionando uma mobilização expressiva que transcendeu o espaço digital e alcançou repercussão na mídia jornalística da época, demonstrando o papel ativista com o qual a página se identificou e se descreveu no *Instagram* (Brasileiras não se calam, 2026)[2].

[2] Exemplos de notícias que circularam em 2020 sobre a página:

DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448
Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Em relação aos depoimentos, nota-se que os três eixos temáticos que se mostraram predominantes nestas narrativas das mães - a saber, xenofobia institucional por adultos e autoridades; convivência com pares no contexto escolar; e o efeito da xenofobia na saúde mental/identidade da criança – demonstraram relações com o ambiente escolar, sobretudo os dois primeiros. Como já mencionado, 21 dos 29 relatos dizem respeito ao ambiente escolar.

A fim de estabelecer um paralelo, cabe notar que a Casa do Brasil de Lisboa, associação de imigrantes sem fins lucrativos, produziu, no âmbito do projeto *#MigraMyths - Desmistificando a Imigração*, relatórios sobre o discurso de ódio e a imigração em Portugal. Na edição de 2022, voltada especificamente à discriminação de populações migrantes nos serviços públicos portugueses, são elencados os setores nos quais os usuários mais percebem tais práticas. Destaca-se a proximidade percentual entre os serviços apontados: os centros de saúde concentram o maior índice, com 15%, seguido pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras com 14% e os relativos às finanças com 13%. Depois, está o ambiente escolar, com 11%, próximo das universidades (11,7%) e da segurança social (11,5%) (Casa do Brasil de Lisboa, 2022).

Ainda que a amostragem em questão seja de 203 respostas, distribuídas por todas as regiões de Portugal, é viável articulá-la ao universo qualitativo analisado neste trabalho. No relatório, a escola aparece como um dos serviços públicos em que se percebe a discriminação; e, no corpus aqui analisado, o ambiente escolar representa a maior parcela dos depoimentos analíticos sobre as vivências das crianças brasileiras.

Na Figura 2, o depoimento selecionado descreve um episódio em que a diretora de uma escola atribuiu uma suposta incapacidade cognitiva à nacionalidade da aluna, generalizando o desempenho de estudantes brasileiros de forma estigmatizante. Neste caso, tem-se um exemplo do que foi identificado como xenofobia institucional por parte de adultos e autoridades.

Grupo de brasileiras expõe centenas de casos de assédio e xenofobia em Portugal. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/08/grupo-de-brasileiras-expoe-centenas-de-casos-de-assedio-e-xenofobia-em-portugal.shtml. Acesso em: 10 fev. 2026.

"Brasileiras não se calam" e estão cansadas de assédio e preconceito. Disponível em: https://www.publico.pt/2020/08/07/p3/noticia/brasileiras-nao-calam-estao-cansadas-assedio-preconceito-1927196. Acesso em: 9 mar. 2026.

DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448
Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Figura 2: Primeiro relato selecionado - 08/08/2020

"A diretora da escola da minha filha me disse que iriam reprová-la porque brasileiro não sabia falar inglês e não era bom aluno, mas ela conseguiu se formar com excelência, nota final, e fala fluentemente inglês, coreano e espanhol." [SUBSTITUIR pela figura 2 enviada à parte]

Fonte: Brasileiras não se calam (2025)

Embora o relato impossibilite uma caracterização precisa do perfil de classe e raça da criança, é notória o incômodo da mãe diante da antecipação da reprovação escolar da filha - desprovida de justificativas pedagógicas plausíveis. Eventuais dificuldades de aprendizagem, que poderiam acometer qualquer estudante independentemente de sua nacionalidade, não foram apresentadas como causa.

Em contrapartida, a mãe enfatiza o sucesso acadêmico da filha, destacando sua proficiência em inglês, coreano e espanhol. Tal posicionamento pode ser entendido como uma maneira de desconstruir a postura da diretora, que operou sob um viés de descredibilização baseado na origem nacional.

Desse modo, a narrativa em questão contempla o principal eixo visualizado nas 29 postagens, e tem o potencial de mostrar uma nuance da xenofobia estrutural que permeia o cotidiano de brasileiros em Portugal - neste caso, das crianças no ambiente escolar, por parte de uma autoridade.

Os estudos de Almeida (2019) e Seixas (2021), ambos vinculados à Universidade do Minho, oferecem subsídios fundamentais para compreender aspectos das vivências das crianças brasileiras no ambiente escolar português. As autoras utilizam as lentes do multiculturalismo e da interculturalidade para investigar os processos de adaptação e exclusão nas escolas.

Almeida (2019) analisa a percepção de crianças brasileiras (entre 6 e 12 anos) sobre sua integração em Portugal, evidenciando que a escola pública, embora realize o acolhimento formal, falha em promover um ambiente genuinamente inclusivo face às diferenças culturais.

DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448
Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

A autora destaca, inclusive, a barreira linguística: o preconceito contra a variante brasileira do português atua como um fator que dificulta a sociabilidade e o pertencimento dessas crianças em relação aos seus colegas portugueses.

Seixas (2021) expande o foco para a relação estabelecida entre as famílias brasileiras e a instituição escolar. Seus achados indicam que tanto pais quanto estudantes percebem um distanciamento afetivo e pedagógico por parte dos professores portugueses, especialmente quando comparado ao vínculo docente-aluno comum no Brasil. Seixas (2021) corrobora as observações de Almeida (2019) ao afirmar que, mesmo quando há uma sensação superficial de integração, as crianças enfrentam episódios significativos de exclusão e preconceito. O depoimento a seguir, da pesquisa de Almeida (2019) exemplifica isso:

> Uma menina lá na minha escola, um dia a gente estava conversando, eu e minhas amigas e aí ela foi e falou: brasileirinhas. Daí a gente foi e ficou meio que triste, daí a gente foi brincar e esqueceu isso. [...] é que tipo, ela estava a chamar a atenção da gente, ela estava tipo: "vocês nunca mais podem entrar lá dentro porque isso é falta de educação, tá brasileirinhas?!" Mas eu estou nem aí para ela. (Almeida, 2019, p.35)

Nota-se que a criança, participante do estudo de Almeida (2019), descreve um episódio em que uma colega portuguesa utilizou o termo "brasileirinhas" para interpelá-la. Mesmo que a menina tenha minimizado o impacto do ocorrido em seu relato, é evidente que o termo, no contexto da sociabilidade escolar, carrega uma carga pejorativa e opera como um mecanismo de inferiorização.

Ser mulher brasileira na Europa, e particularmente em Portugal, impõe um peso simbólico específico: Assis e Siqueira (2021) discutem como os estereótipos que moldam a imagem da brasileira são atualizações de um passado colonial que se faz presente, fundamentado em processos de racialização e hipersexualização.

Ainda que a interação entre as crianças não explicite todas essas camadas, o uso do diminutivo "brasileirinhas" sinaliza uma vinculação negativa à identidade nacional brasileira. Como se sustenta neste trabalho, os episódios não são isolados; ao contrário, as denúncias veiculadas pelas migrantes - incluindo as demais tipologias de relatos que emergem na página

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

como um todo - evidenciam a naturalização de estereótipos[3] sobre o Brasil em Portugal. Paralelamente, constata-se um esforço de confrontação de tais estigmas, conforme observado na Figura 2.

A figura 3, por sua vez, apresenta convergências com a narrativa coletada por Almeida (2019). Neste caso, a mãe fez uma descrição mais detalhada do que a observada na Figura 2, expondo as dificuldades de sua filha de seis anos em estabelecer vínculos de amizade com colegas portuguesas.

Figura 3: Segundo relato selecionado - 29/09/2022

"Estamos há 3 anos em Portugal e minha filha se adaptou muito bem a escola, até entrar no primeiro ano. No começo do ano letivo minha filha já tinha reclamado de duas irmãs gêmeas da sua sala, que a tratavam mal e diziam que não brincavam com ela por ela ser brasileira, e que brasileiros não prestavam. Conversei com minha filha e falei com a professora. Um dia minha filha de 6 anos chegou aos prantos em casa dizendo que não queria ir mais para a escola, e não queria me falar o porque. Depois de muita conversa ela me disse que as mesmas meninas estavam usando ela pra fazer tudo pra elas, e por ela gostar delas e querer brincar com elas, ela acabava fazendo, só que no fim elas não brincavam com minha filha, e que ainda gritaram dizendo que ela e todos os brasileiros não prestavam e que eram filhos da mãe. Entrei em contato com a professora, mandei mensagem, e até hoje não tive resposta. Foi preciso eu falar com as auxiliares da escola, e elas ajudaram falando com as duas meninas." [SUBSTITUIR pela figura 3 enviada à parte]

Fonte: Brasileiras não se calam (2025)

Nesse cenário, a Figura 3 exemplifica o modo como um único depoimento pode ser interpretado a partir de múltiplos eixos temáticos. Os três eixos de maior recorrência nos 29 relatos manifestam-se nessa postagem: a convivência com pares no contexto escolar, o impacto da xenofobia na saúde mental da criança e a xenofobia institucional exercida por adultos e autoridades.

[3] Estereótipo, segundo Assis e Siqueira (2021, p.3), seriam as "construções sociais e históricas produzidas em situações de dominação que implicam hierarquias entre um 'nós' e os 'outros'." (Assis e Siqueira, 2021, p. 3). Dessa forma, remetendo ao passado colonial, tais hierarquias foram construídas pelos povos 'dominadores', sendo reafirmadas no presente, na intenção de subalternizar homens e mulheres do Sul Global.

DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448
Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Ademais, a frustração da mãe ao tentar resolver o conflito diretamente com a professora evidencia a fragilidade na garantia dos direitos[4] dessas crianças e a omissão institucional - dinâmicas que, em consonância com Almeida (2019) e Seixas (2021), acabam gerando sofrimento psicológico no cotidiano de meninas e meninos.

Desta forma, a xenofobia pode ser pensada em conjunto com as reflexões sobre a estrangeiridade, quer dizer, sobre o estranhamento que repercute em atos de tom discriminatório. Sobre isso, Elhajji; Paraguassu (2021, p. 399) trazem o questionamento: "que tipo de estrangeiro a criança migrante é?". A partir da indagação, os autores evidenciam que tanto os migrantes quanto as crianças são frequentemente percebidos como grupos minoritários. Trata-se, sobretudo, de dinâmicas de poder, nas quais a criança migrante ocupa uma posição marcada por uma dupla exclusão social - por ser, simultaneamente, criança e estrangeira. Na relação com outras crianças portuguesas, pesa o fato de serem brasileiras.

De todo modo, nestes casos, as mães fazem denúncias, em prol de darem visibilidade e repercussão aos episódios acontecidos com seus filhos. Casos esses que, a partir do material analisado, não costumam ter resoluções formais. Com isso, os relatos através do *Instagram* conformam possibilidades de mobilização e ativismo (Cogo, 2017) (Magalhães et al, 2018).

Embora o protagonismo das denúncias analisadas recaia sobre as mães, selecionou-se um relato de autoria de uma avó (Figura 4) para auxiliar na compreensão da análise. Considerando que o trabalho de cuidado é historicamente vinculado à identidade feminina e frequentemente transcende a figura materna (Souza, 2019), essa perspectiva, apesar de minoritária (5 dos 29 casos), assume relevância ao demonstrar como o preconceito sofrido pela criança pode reverberar e mobilizar a rede familiar ampliada no exterior. Esse envolvimento materializa-se nas trajetórias de avós e tias que enviaram seus depoimentos à página

[4] Aqui, entende-se como direitos das crianças aqueles debatidos e consolidados entre as décadas de 1970 e 1980, inspirados nos debates sobre os direitos humanos. Principalmente a partir de 1989, quando foi ratificada a Convenção sobre os Direitos da Criança - documento construído e debatido por diferentes nações do mundo, no intuito de produzir preceitos universais em termos de direitos das populações infantojuvenis, sendo a base para a posterior criação e fomentação de políticas públicas para estes grupos (Arend, 2020). Assim, a partir de 1989, as crianças passam a ser entendidas como sujeitos de direitos (Zapiola e Gentile, 2023). Para este trabalho, é importante saber que Portugal foi um dos países que ratificou a Convenção e, portanto, comprometeu-se de forma oficial a prezar pelos direitos das crianças.

DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448
Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

"Brasileiras não se calam!", de modo que a preocupação expressa com o bem-estar da neta ratifica a dimensão coletiva e afetiva desse enfrentamento.

Figura 4: Terceiro relato selecionado - 13/10/2022

"Ontem minha neta chegou tristinha em casa e me disse que os amiguinhos da escola não querem ser seus amigos. Ela contou que um deles falou com ela e, como ela não entendeu o que ele disse, ele simplesmente cuspiu na cara dela. Eu fiquei sem palavras e abracei ela com muita força e carinho, e lhe disse que ela é muito amada pela família. Ela respondeu que quer ter amiguinhos pra conversar e brincar, e eu não soube mais o que dizer pra ela." [SUBSTITUIR pela figura 4 enviada à parte]

Fonte: Brasileiras não se calam (2025)

Assim sendo, o relato da figura 4 também ilustra a indissociabilidade dos eixos temáticos propostos, tornando evidente tanto a dimensão das interações com pares no ambiente escolar quanto o impacto na saúde mental das crianças, manifestado através do sofrimento em relação à dificuldade de estabelecer vínculos e amizades.

No que diz respeito à figura 5, a xenofobia toma outra forma e se mescla com o racismo, cujas marcas da colonialidade - ou seja, que remetem à relação historicamente construída entre Portugal e Brasil - são ainda mais escancaradas. Neste caso, a violência verbal partiu da própria professora de seu filho, e a mãe brasileira narrou o seguinte:

Figura 5: Quarto relato selecionado - 20/12/2022

"Há dois anos atrás, na época da pandemia de Covid, meu filho entrou na aula de inglês com a máscara abaixo do nariz e ouviu da professora a seguinte frase: "Vocês brasileiros deviam voltar para os guetos, pois lugar de macaco é no Brasil, e não aqui em Portugal." [SUBSTITUIR pela figura 5 enviada à parte]

Fonte: Brasileiras não se calam (2025)

Como em outros relatos, não são detalhadas as medidas tomadas - se foram feitas para além do âmbito escolar. No entanto, é evidente a intenção de inferiorização na fala da docente,

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

que mobiliza tanto o estigma da nacionalidade quanto o da racialização ao utilizar a expressão "lugar de macaco" e sugerir o retorno dos brasileiros a "guetos". Tais ofensas apresentam a face mais violenta da colonialidade, na qual o corpo do migrante, mesmo uma criança, é alvo de tais estereótipos xenofóbicos, coloniais e racistas.

Segundo Aníbal Quijano (2009, p. 107), "a 'racialização' das relações de poder [...] foi o sustento e a referência legitimadora fundamental do carácter eurocentrado do padrão de poder, material e intersubjectivo. Ou seja, da sua colonialidade.". Para Quijano (2009), a colonialidade pode ser entendida a partir das relações hierárquicas historicamente construídas entre o Norte Global, com sua suposta superioridade; em relação ao Sul Global e sua inferiorização, sobretudo remetendo a questões coloniais que perpassam a história dessas regiões e permanecem, em alguma medida, até o presente. E, nesta hierarquia, o processo de racialização tem papel importante.

Dessa forma, este depoimento é relevante porque, além de demonstrar a xenofobia institucional por parte da professora - o eixo temático de maior predominância nos relatos -, outra faceta é escancarada: o racismo. Apesar de menos representativo na análise realizada (com 4 ocorrências no total), chama a atenção a sua gravidade, já que a professora foi a responsável e mobilizou a questão racial com diversas associações pejorativas e em tom de insulto ao menino. A expressão "vocês deveriam voltar" remete a esta hierarquia relacionada à colonialidade, já que expõe diante do menino estereótipos que subalternizam os brasileiros em relação aos portugueses.

Assis e Siqueira (2021), como já mencionado, afirmam o papel da colonialidade no presente, nas vivências de brasileiros na Europa. O caso desta denúncia reforça o papel da racialização no cotidiano de famílias brasileiras em Portugal, ainda que não esteja explicitada a identificação racial do menino no relato. Complementando essa perspectiva, Almeida (2024) afirma que o fato de os brasileiros serem provenientes de ex-colônias dá outro tom para as dificuldades que eles enfrentam nos países europeus, principalmente em se tratando de Portugal.

França e Oliveira (2021), ao analisarem postagens da "Brasileiras não se calam!", indicam que é possível interpretar a página na qualidade de um mecanismo de denúncia contra o preconceito. As autoras afirmam que as imigrantes brasileiras, através das denúncias, têm

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8954, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

uma atuação voltada para romper com o silêncio social e com a ideia de que Portugal seria um país sem racismo - ou com um racismo 'amigável'.

Em consonância com França e Oliveira (2021), compreende-se que, utilizando-se desta ferramenta do mundo digital, as migrantes fomentam um modo de resistência coletiva e combativa, que visa, em alguma medida, desconstruir estereótipos historicamente moldados e incentivar a solidariedade entre elas mesmas. Aqui, dá-se destaque ao caráter de ativismo da "Brasileiras não se calam!", em diálogo com Cogo (2017).

Estas mulheres dos relatos anônimos selecionados, geralmente mães, fortalecem as reivindicações das brasileiras migrantes ao compartilharem suas histórias. Elas não são o 'todo' da iniciativa, tampouco administram a página. Contudo, a coletividade fomentada pela "Brasileiras não se calam!" existe também por conta delas (e de muitas outras brasileiras como elas): que denunciam, que enviam os seus relatos (centenas) para construírem e fortalecerem, em conjunto, as suas lutas.

Neste caso, estas reivindicações no *Instagram*, direta ou indiretamente, escancaram casos de xenofobia contra brasileiros, marcados também pela colonialidade. De toda forma, é possível interpretar que estas brasileiras buscam criticar essa realidade (França e Oliveira, 2021), com o desejo de experiências mais respeitosas e acolhedoras para os seus filhos nas escolas portuguesas.

4. Considerações finais

Este artigo se propôs a trabalhar com um recorte da migração brasileira para Portugal, no que diz respeito ao deslocamento contemporâneo. O itinerário em questão tem vasta produção bibliográfica, de modo que tem sido interpretado por estudiosos como Malheiros (2007), França e Padilla (2018), Fernandes et al (2021) e Brum (2024). Essa periodização, geralmente em 'vagas', permite visualizar distintos momentos da migração, com um crescimento sobretudo a partir do início do século XXI (França e Padilla, 2021) e um perfil que foi se diversificando em termos de classe e gênero.

Neste sentido, as mulheres constituem parcela importante deste direcionamento. E é a partir de seus relatos no *Instagram* "Brasileiras não se calam!" que este artigo se centrou,

DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448
Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

principalmente, em compreender como os *posts* de denúncias anônimas de casos de discriminação contra crianças brasileiras conformam, a partir de relatos individuais, um panorama mais amplo de ativismo de migrantes através do meio digital (Cogo, 2017) (Magalhães, 2018). Isso dentro de uma página que atualmente tem 51 mil seguidores e centenas de denúncias de temáticas distintas – desde o assédio sexual, as relações de trabalho, até as denúncias sobre as crianças brasileiras (Brasileiras não se calam, 2026).

Portanto, infere-se que, através das denúncias anônimas de mulheres brasileiras em Portugal entre 2020 e 2022, no contexto deste perfil do *Instagram*, os relatos analisados participam de um cenário maior de reivindicação de direitos iniciado na pandemia. Embora tenham sido examinados 29 depoimentos de mães (que dizem respeito a casos que aconteceram com crianças brasileiras), trazendo diretamente 4 deles para o corpo do texto, defende-se que eles representam uma conjuntura mais abrangente: compõem um ativismo em uma página que defende os direitos das migrantes.

Neste artigo, observou-se a centralidade da escola nos relatos sobre as crianças e, junto disso, identificou-se três eixos temáticos de maior predominância: a xenofobia institucional por adultos e autoridades; a convivência com pares no contexto escolar; e o efeito da xenofobia na saúde mental/identidade da criança. Soma-se a isso, conforme as discussões de Almeida (2019) e Seixas (2021) e os dados do relatório da Casa do Brasil de Lisboa (2022), a importância de se ater à xenofobia, à colonialidade e às suas nuances no ambiente escolar, para que seja possível aprofundar - quantitativa e qualitativamente - o entendimento sobre as infâncias brasileiras em Portugal no século XXI.

5. *Referências*

ALMEIDA, Claudiane de Souza. *A integração de crianças migrantes brasileiras nas escolas do 1º e 2º ciclo em Portugal*. 2019. 50 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Criança) – Universidade do Minho, Braga, 2019.

ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. Colonialidade e gênero: mulheres brasileiras imigrantes em Portugal e na França. In: NETO, Helion Póvoa; SANTOS, Miriam de Oliveira (org.).

TexTos e DebaTes, Boa Vista, vol.32, n.01, e8954, Jan./Jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.18227/2317-1448ted.v32i01.8954
https://revista.ufrr.br/textosedebates/
ISSN: 2317-1448

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Brasil, imigração e emigração: desafios da interdisciplinaridade na pesquisa de processos históricos e contemporâneos. São Leopoldo: Oikos, 2024. p. 79-100.

AREND, Silvia Maria Fávero. Direitos humanos e infância: construindo a Convenção sobre os Direitos da Criança (1978-1989). *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 605-623, set. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2020v260305. Acesso em: 14 fev. 2024.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Emigrantes brasileiros/as em mobilidade na virada do século XX para o século XXI: a diversificação dos destinos. In: BOGUS, Lúcia; BAENINGER, Rosana (org.). *A nova face da emigração internacional no Brasil*. São Paulo: Educ, 2018. p. 235-264.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SIQUEIRA, Sueli. Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre "a mulher brasileira". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 63, 2021. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8668790. Acesso em: 14 fev. 2025.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Comunidade brasileira no exterior*: estatísticas 2022. Brasília, DF: Ministério das Relações Exteriores, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/comunidade-brasileira-no-exterior-2013-estatisticas-2022. Acesso em: 10 fev. 2026.

BRASILEIRAS NÃO SE CALAM (@brasileirasnaosecalam). *Perfil no Instagram*. Disponível em: https://www.instagram.com/brasileirasnaosecalam/. Acesso em: 12 mar. 2026.

BRASILEIRAS NÃO SE CALAM (@brasileirasnaosecalam). Publicação no Instagram, 8 ago. 2020. Captura de tela em arquivo pessoal da autora, 2025.

BRASILEIRAS NÃO SE CALAM (@brasileirasnaosecalam). Publicação no Instagram, 29 set. 2022. Captura de tela em arquivo pessoal da autora, 2025.

BRASILEIRAS NÃO SE CALAM (@brasileirasnaosecalam). Publicação no Instagram, 13 out. 2022. Captura de tela em arquivo pessoal da autora, 2025.

BRASILEIRAS NÃO SE CALAM (@brasileirasnaosecalam). Publicação no Instagram, 20 dez. 2022. Captura de tela em arquivo pessoal da autora, 2025.

BRUM, Alex Guedes. A emigração de brasileiros para Portugal: características e motivações de um fluxo migratório. *Caderno Humanidades em Perspectivas*, Curitiba, v. 8, n. 19, p. 98-

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

113, 2024. Disponível em: https://www.cadernosuninter.com/index.php/humanidades/article/view/2873. Acesso em: 26 jun. 2026.

CASA DO BRASIL DE LISBOA. *Discriminação de pessoas imigrantes nos serviços públicos em Portugal*: relatório do projeto #MigraMyths – Desmistificando a Imigração. 3. ed. Lisboa: Casa do Brasil de Lisboa, 2022. Autoria de Ana Paula Costa. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1IbfBww8gXiLdQE_aHDSymEBSBeWjKbtj/view?usp=sharin . Acesso em: 10 mai. 2025.

CARVALHO, João. Understanding the emergence of extreme right parties in Portugal in the late 2010s. *Parliamentary Affairs*, v. 76, p. 879-899, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1093/pa/gsac001. Acesso em: 4 mar. 2024.

CNN BRASIL. *Menino brasileiro tem dedos amputados após agressão em escola de Portugal*. 19 nov. 2025. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/menino-brasileiro-tem-dedos-amputados-apos-agressao-em-escola-de-portugal/. Acesso em: 23 mar. 2026.

COGO, Denise. Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismo e TICs. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 40, n. 1, p. 177-193, 2017. Disponível em: https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/en/article/view/2643/2044. Acesso em: 11 abr. 2026.

ELHAJJI, Mohammed; PARAGUASSU, Fernanda. Infância e estrangeiridade: duas alteridades, a mesma minoridade. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 23, n. 43, p. 399-419, jan./jun. 2021. Disponível em: https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e72762. Acesso em: 10 dez. 2025.

FRANÇA, Thais; OLIVEIRA, Stefanie Prange de. Mulheres brasileiras imigrantes como estraga-prazeres: revelando racismo no "amigável" Portugal. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 63, 2021. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/18094449202100630001. Acesso em: 15 fev. 2025.

FRANÇA, Thais; PADILLA, Beatriz. Tecendo experiências migratórias: brasileiras em Portugal entre o preconceito e a sexualização. In: ASSIS, Gláucia de Oliveira; PADILLA, Beatriz; FRANÇA, Thais (org.). *Gênero e mobilidades no tempo presente*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2021. p. 25-56.

FRANÇA, Thais; PADILLA, Beatriz. Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção mediática de uma nova vaga. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 33, n. 2, jul./dez. 2018. Disponível em: http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD. Acesso em: 17 mar. 2026.

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

FERNANDES, Duval; PEIXOTO, João; OLTRAMARI, Andrea Poleto. A quarta onda da imigração brasileira em Portugal: uma história breve. *Revista Latinoamericana de Población*, v. 15, n. 29, p. 34-63, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.31406/relap2021.v15.i2.n29.2. Acesso em: 6 mar. 2026.

FOLHA DE S.PAULO. *Agressão à menina brasileira de 11 anos na escola em Portugal reabre debate sobre xenofobia*. 15 fev. 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/agressao-a-menina-brasileira-de-11-anos-na-escola-em-portugal-reabre-debate-sobre-xenofobia.shtml. Acesso em: 18 mar. 2026.

FOLHA DE S.PAULO**.** *Grupo de brasileiras expõe centenas de casos de assédio e xenofobia em Portugal*. 8 ago. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/08/grupo-de-brasileiras-expoe-centenas-de-casos-de-assedio-e-xenofobia-em-portugal.shtml. Acesso em: 10 fev. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Censos 2021*. Lisboa: INE, 2021. Disponível em:https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=526271534&DESTAQUESmodo=2. Acesso em: 8 nov. 2025.

MAGALHÃES, Mara; MARÔPO, Lídia; AMARAL, Inês. Ativismo feminista no Facebook: uma análise comparada das páginas Não me Kahlo (Brasil) e Capazes (Portugal). *Mediapolis*, n. 7, p. 21-42, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.14195/2183-6019_7_2. Acesso em: 19 mar. 2026.

MALHEIROS, Jorge Macaísta. Os brasileiros em Portugal: a síntese da imigração. In: MALHEIROS, Jorge Macaísta (org.). *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007. p. 11-44. (Colecção Comunidades, v. 1).

MARINUCCI, Roberto. Feminization of migration? *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 15, p. 5-22, 2007. Disponível em: https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/55. Acesso em: 12 nov. 2025.

PADILLA, Beatriz; ORTIZ, Alejandra. Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 20, n. 39, p. 15-44, jul./dez. 2012. Disponível em: https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/336. Acesso em: 12 jan. 2026.

PÚBLICO. *"Brasileiras não se calam" e estão cansadas de assédio e preconceito*. *P3*, 7 ago. 2020. Disponível em: https://www.publico.pt/2020/08/07/p3/noticia/brasileiras-nao-calam-estao-cansadas-assedio-preconceito-1927196. Acesso em: 9 mar. 2026.

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 73-117.

RECORD TV. *Crianças brasileiras são vítimas de violência motivada por xenofobia em Portugal*. Domingo Espetacular. 3 dez. 2023. Disponível em: https://record.r7.com/domingo-espetacular/videos/criancas-brasileiras-sao-vitimas-de-violencia-motivada-por-xenofobia-em-portugal-03122023/. Acesso em: 12 mar. 2026.

SANTOS, Aline Lima. *Mudança de vento*: a migração do Brasil para Portugal no fim do século XX e início do século XXI. 2010. 210 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SEIXAS, Guilda da Silva. *Integração de crianças imigrantes brasileiras em escolas portuguesas*: um estudo exploratório. 2021. 57 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Criança) – Universidade do Minho, Braga, 2021.

SILVEIRA, Pedro Telles da. *História, técnica e novas mídias*: reflexões sobre a história na era digital. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. Maternidade nas mídias digitais: uma análise exploratória. In: *SEMINÁRIO DE ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (PÓSCOM)*, 10., 2019, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos**.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2019. p. 56-85.

UOL TAB. *Brasileiros decidem voltar após maus-tratos a filhos em escolas de Portugal*. 1 nov. 2023. Disponível em: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2023/11/01/os-castigos-e-maus-tratos-a-brasileiros-nas-escolas-de-portugal.htm?cmpid=copiaecola. Acesso em: 11 mar. 2026.

VAN DIJCK, José. *La cultura de la conectividad*: una historia crítica de las redes sociales. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2016.

ZAPIOLA, María Carolina; GENTILE, María Florencia. Los derechos de la infancia como categoría del análisis: algunas reflexiones sobre sus límites, potencialidades y desafíos. In: AREND, Silvia Maria Fávero; MIRANDA, Humberto da Silva (org.). *Os tempos da justiça*: história, infâncias e direitos humanos na América Latina. Criciúma: Ediunesc, 2023. p. 119-138.

Artigo submetido em 28/04/2026, aceito em 06/07/2026 e publicado em 10/07/2026.

Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.